

# BERADEIRAGEM

ANTOLOGIA POÉTICA

NAYLANE ARAÚJO MATOS  
SAMUEL PESSOA DA SILVA  
ORGANIZADORES

# BERADEIRAGEM

ANTOLOGIA POÉTICA

NAYLANE ARAÚJO MATOS

SAMUEL PESSOA DA SILVA

**Porto Velho**



**2025**



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DE RONDÔNIA - IFRO

**Reitor** Moisés José Rosa Souza

**Pró-Reitor de Ensino** Jean Peixoto Campos

**Pró-Reitora de Pesquisa,  
Inovação e Pós-  
graduação** Xênia de Castro Barbosa

**Pró-Reitora de Extensão** Érica Patrícia Navajo

**Pró-Reitor de  
Desenvolvimento  
Institucional** Mauro Henrique Miranda de Alcântara

**Pró-Reitor de  
Administração** Elisandro de Moura Martins



EDITORA DO INSTITUTO FEDERAL DE RONDÔNIA

**Editora-chefe** Ilma Rodrigues de Souza Fausto

**Bibliotecária** Roseni Santos Rodrigues

#### **CONSELHO EDITORIAL**

**Presidente** Dr. Luis Ribeiro Medeiros  
Dr. Leandro Dill  
Dr<sup>a</sup>. Wanderson Roger Azevedo Dias  
Dr. Nilson Santos  
Dr<sup>a</sup>. Xênia de Castro Barbosa  
Dr. Adamir da Rocha Nina Junior  
Dr. Marcos Barros Luiz  
Dr<sup>a</sup>. Lady Day Pereira de Souza  
Dr<sup>a</sup>. Iranira Geminiano de Melo  
Dr<sup>a</sup>. Valéria Costa de Oliveira

**CAPA** Obra de Flávio Dutka

Quando disponibilizada em PDF, recomenda-se a geração em formato “PDF marcado” (Tagged PDF), com vistas à interoperabilidade com tecnologias assistivas, em alinhamento às diretrizes de acessibilidade para PDF (PDF/UA – ISO 14289).

# BERADEIRAGEM

## Antologia Poética

### Ficha catalográfica

M433b

Matos, Naylane Araújo (org.).

Beradeiragem: antologia poética [recurso eletrônico] /Naylane Araújo  
Matos, Samuel Pessoa da Silva, organizadores. - Porto Velho, RO :  
Editora IFRO, 2025.

92 p. : il.; ePUB.

ISBN 978-65-989425-1-9 (e-book)

1. Poesia brasileira. 2 Literatura amazônica. 3. Cultura ribeirinha -  
Amazônia. 4. Identidade cultural. 5. Amazônia - Aspectos culturais. I  
Silva, Samuel Pessoa da (org.). II. Título.

CDD: 869.1

CDU: 821.134.3(81)-1

**Bibliotecário(a) Responsável:** Roseni Santos Rodrigues, CRB-11/916 (Reitoria)

---

Editora do Instituto Federal de Rondônia  
Avenida Lauro Sodré, nº 6.500, Reitoria, Aeroporto.  
76803-260 - Porto Velho - RO  
Tel.: (69) 2182-9601  
portal.ifro.edu.br  
editora@ifro.edu.br

## Sumário

Prefácio.....	6
<b>A poética beradeira como resistência contracolonial na Amazônia: uma introdução...</b>	<b>8</b>
<b>Antônio Serpa do Amaral (Basilho).....</b>	<b>16</b>
<b>Manifesto Karipuna .....</b>	<b>17</b>
<b>Aluá de Mariri.....</b>	<b>20</b>
<b>Rubens Vaz Cavalcante (Binho).....</b>	<b>22</b>
<b>Piracema .....</b>	<b>23</b>
<b>Ponto do Velho .....</b>	<b>24</b>
<b>Bira Loureiro .....</b>	<b>25</b>
<b>Nós .....</b>	<b>26</b>
<b>Autuações.....</b>	<b>27</b>
<b>Carlos Macedo Dias (Poeta Mado).....</b>	<b>28</b>
<b>Ato .....</b>	<b>29</b>
<b>Poema na beira .....</b>	<b>30</b>
<b>Nilza Menezes.....</b>	<b>31</b>
<b>Espelho d'água I.....</b>	<b>32</b>
<b>Espelho d'água II.....</b>	<b>33</b>
<b>Matheus Faustino .....</b>	<b>34</b>
<b>homem-rio.....</b>	<b>35</b>
<b>Uma memória de infância .....</b>	<b>36</b>
<b>Espinheiro.....</b>	<b>37</b>
<b>Amanara Brandão Lube.....</b>	<b>38</b>
<b>Alô, alô, urbano .....</b>	<b>39</b>
<b>Corpo-banzeiro .....</b>	<b>40</b>
<b>Saudade ancestral.....</b>	<b>41</b>
<b>Preta Ponta de Facão .....</b>	<b>42</b>
<b>Jamile Soares.....</b>	<b>43</b>
<b>Ando com as minhas ancestrais .....</b>	<b>44</b>
<b>Mãos pretas .....</b>	<b>45</b>
<b>Corpo-resistência .....</b>	<b>46</b>
<b>patthy pds.....</b>	<b>48</b>
<b>~ floresta mapinguari .....</b>	<b>49</b>
<b>~ norte .....</b>	<b>50</b>
<b>~ do norte pro sul pro norte (parintins-amazonas) .....</b>	<b>51</b>

~ uma mulher que ama em amazônia .....	52
<b>Negra Mari</b> .....	53
A tão grande Outra .....	54
Arma afiada.....	55
<b>Andressa Silva</b> .....	56
Olhando no rio.....	57
<b>Samuel Pessoa</b> .....	58
BÉRA.disse .....	59
<b>Célia Marques</b> .....	60
Cega .....	61
Té.leZ.é?.....	62
Nazaré .....	63
<b>Béra Akilas</b> .....	64
Declaração Universal dos Direitos Humanos Beradeiros .....	65
Art'tude .....	69
Planet'Água.....	71
<b>Jhuka Andrade</b> .....	72
Minha morada .....	73
<b>Marcela Bonfim</b> .....	75
Pega no caboco .....	76
<b>Asafe Moreno</b> .....	77
Eldorado Sangrento .....	78
<b>Gabriela Saturnino</b> .....	79
Procura-se a Amazônia .....	80
Ode ao Descobrimento de Mário de Andrade .....	81
<b>Ecos</b> .....	82
Órfão identitário .....	83
<b>Naylane Araújo</b> .....	85
Isto não é um poema.....	86
Nota de cem ou a Cosmvisão beradeira .....	87
Beradeiragem .....	88
<b>Índice Remissivo de Termos Beradeiros</b> .....	90

## Prefácio

É com grande entusiasmo que escrevo o prefácio à antologia poética *Beradeiragem*, uma obra que ressoa as vozes e as vivências dos povos beradeiros da região amazônica, mais especificamente de Porto Velho, Rondônia, revelando as complexidades e as riquezas culturais das comunidades ribeirinhas. Como professora que atuou em uma universidade localizada em território amazônico - especificamente Universidade Federal de Rondônia -, é com orgulho que testemunho a expressão artística e literária de artistas e poetas que tanto enriquecem e se voltam à região norte.

Adentrar nas páginas desta antologia é um convite a uma jornada poética que nos transporta para as margens dos rios amazônicos, mais especialmente às margens do rio Madeira, onde a vida, a natureza, e a sobrevivência se entrelaçam em um movimento dialógico. Cada poema, cada verso, revela não apenas a beleza da linguagem, mas também as narrativas profundas e significativas que permeiam a existência de beradeiros e beradeiras, suas lutas, suas tradições, suas formas de revide, suas reinvenções e suas esperanças.

É importante ressaltar que o *lócus* de enunciação dos poemas desta antologia não está no centro, mas sim nas margens, nas periferias, nas vozes que muitas vezes são silenciadas pela hegemonia dos grandes centros literários. A presença dessas narrativas beradeiras na literatura desafia e enriquece a visão tradicionalmente dominante, trazendo à tona perspectivas e experiências que desestabilizam narrativas hegemônicas sobre a Amazônia e que cancelam uma compreensão mais ampla e inclusiva da diversidade cultural brasileira.

Nesse sentido, *Beradeiragem* não é apenas uma coletânea de poemas, é um grito de resistência desses povos frente às opressões históricas e contemporâneas. Por isso, como educadora comprometida com a valorização da diversidade cultural e o respeito às identidades locais, vejo nesta obra um instrumento poderoso para promover a reflexão crítica, o diálogo intercultural e a valorização das vozes marginalizadas, principalmente aquelas da região norte deste país.

Que esta antologia seja mais do que um livro de poesia, seja um recurso pedagógico e um convite à reflexão em nossas salas de aula e espaços acadêmicos. Que cada palavra escrita pelos autores e autoras aqui reunidos/as seja um ponto de

partida para discussões sobre identidade, memória, colonialismo e justiça social, estimulando o pensamento crítico e a consciência política coletiva.

Que a *Beradeiragem* seja uma bússola que aponta o Norte brasileiro, um farol de luz e inspiração para estudantes, pesquisadores e pesquisadoras, artistas e comunidades locais, fortalecendo o orgulho e a valorização da cultura amazônica. Que a poesia e a arte presentes neste livro ecoem além das fronteiras da academia, disputando consciências e contribuindo para a construção de uma sociedade mais humanizada, inclusiva, justa e solidária.

Que as vozes dos beradeiros e beradeiras ressoem alto e claro em nossas mentes e corações, lembrando-nos da importância de preservar e celebrar a diversidade cultural que nos cerca e nos norteia, mas, sobretudo, que nos convida ao engajamento social pela via literária, nos alertando também para as novas vozes e estéticas insurgentes na literatura brasileira contemporânea.

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Jordana Cristina Blos Veiga Xavier  
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS)

## **A poética beradeira como resistência contracolonial na Amazônia: uma introdução**

Pautada na poética beradeira, esta obra é uma dentre tantas formas de materializar a Amazônia como *lócus* de enunciação e de produção cultural resistente às hegemonias coloniais expressas nas artes e na literatura brasileira. É necessário abrir os ouvidos para escutar a Amazônia pela gente amazônida, rompendo com a objetificação e assujeitamento dos discursos daqueles que inventaram uma Amazônia exotizada, folclorizada, estereotipada e marcada pelas lentes coloniais capitalistas, cujo projeto foi e continua ser a exploração de povos e territórios.

*Beradeiragem* é parte de um processo artístico-cultural amplo que busca evidenciar a identidade beradeira no território de Porto Velho. Por isso, esta obra reúne diferentes autores/as e perspectivas que reivindicam a identidade beradeira e suas cosmovisões para o fortalecimento do resgate histórico-cultural dos povos ribeirinhos, aqui auto identificados como beradeiros/as. Beradeiros/as, isto é, povos à beira do rio, que partilham saberes, vivências e peculiaridades históricas e culturais à margem de um rio amazônico, mediadas por ciclos econômicos, migrações e imposições coloniais. *Beradeiragem – antologia poética beradeira* pauta as imbricações culturais resultantes de processos históricos que marcam e delineiam o território de Porto Velho, articulando as relações da floresta e seus rios com a cidade, os modos de vida, diferentes contradições e pautas de luta.

Pela via do texto poético, buscamos fomentar a construção de novas bases epistemológicas que norteiem práxis políticas, pedagógicas e artísticas resultantes da oposição ao projeto colonial na Amazônia. *Beradeiragem*, portanto, se apresenta como uma forma de resistência contracolonial, evocando as imbricações culturais de povos originários, migrantes nordestinos e demais trabalhadores migrantes, quilombolas, ribeirinhos e demais povos que habitam à beira de rios amazônicos, mais especificamente do rio Madeira, cuja principal cidade banhada por suas águas é Porto Velho, capital de Rondônia. Aqui, devemos advertir a quem nos lê: não é Roraima (RR), é Rondônia, cuja sigla é RO e localiza-se entre os estados brasileiros do Acre, Amazonas, Mato Grosso e da Bolívia.

A conjuntura político-econômica que afeta este território, com o intuito de atender aos interesses das classes dominantes, atua de modo a forjar um sistema de controle ideológico das subjetividades beradeiras e de legitimar uma produção cultural

que reproduza e garanta seus interesses. Como forma de resistência beradeira e construção de novos discursos contracoloniais e abrangentes da história local, esta obra se propõe a compor o processo de descolonização de padrões colonialistas que invisibilizaram, exploraram e hegemonizaram corpos, povos e territórios amazônicos. Se a Amazônia foi sempre traduzida pelas lentes colonialistas do explorador, temos aqui a oferta de poemas contracoloniais, cujo *lócus* de enunciação é o seio da Amazônia. Os poemas que aqui se apresentam evidenciam as formas históricas de resistência da classe trabalhadora frente à dominação e à exploração dos corpos e territórios na Amazônia.

Beradeiragem é um grito de resistência do estilo de vida beradeiro, cuja semântica está amalgamada na própria linguagem beradeira que se apresenta nos poemas desta antologia, a começar pela grafia do termo “beradeiro/a” [beiradeiro]. Em termos lexicais, o sufixo “eiro” evoca a origem/naturalidade de quem está à beira do rio, assim como a qualidade/tendência do que está à beira. Entretanto, “beira”, aqui grafado como “bera” [ˈberɐ], recusa o núcleo silábico *ei* do português padrão, demonstrando como o português falado, ou o “pretuguês” na concepção de Lélia Gonzalez (2020)<sup>1</sup> rejeita a imposição colonial e o caráter formal da língua europeia. Do mesmo modo, a pessoa à beira do rio, beradeira, reduz-se à sua forma derivada “béra”, assim mesmo com acento agudo, para demarcar o sotaque local. Logo, forjamos aqui a *Beradeiragem* como um neologismo que denota tanto a ação contínua, o processo e o ajuntamento (através do sufixo “agem”) das vivências heterogêneas da beira do rio, quanto à camaradagem da gente Béra, essa forma abreviada não marcada para gênero.

Ao reunir diferentes discursos beradeiros e suas heterogeneidades, esta antologia evidencia um percurso de reconhecimento individual, mas principalmente coletivo, na reafirmação identitária e no fortalecimento dos modos de ser beradeiro/a, além de configurar-se como um processo pedagógico. Pedagogia, no sentido compreendido pela *Beradeiragem*, se apresenta enquanto metodologia inerente e indispensável às lutas sociais, políticas, ontológicas e epistêmicas que reivindicam a descolonização de hierarquias de poder forjadas pelo contexto colonial, ao passo que

---

<sup>1</sup>Lélia Gonzalez forja o neologismo “pretuguês” para referir-se ao processo de africanização ou crioulanização do português europeu no Brasil. O conceito evoca a presença negra na formação cultural brasileira que incidiu na língua falada, sobretudo por influência da Mãe Preta cuidadora, trabalhadora reprodutiva da vida dos “sinhozinhos” brancos e contadora de histórias que desconfiguraram a língua colonial padrão.

visa a emancipação de povos historicamente subalternizados, numa sociedade cujo modo de produção cria diferenciações de classe, de gênero, de raça e tantas outras necessárias para sustentar a exploração.

No contexto de relações hierárquicas entre centro e margens da produção cultural, contestamos os discursos inventados sobre a Amazônia (Gondim, 1994) - especialmente veiculados pelos viajantes imperialistas europeus e evangelizadores - e subvertemos as representações colonialistas do povo amazônida, ampliando as representações literárias amazônicas. Se a literatura, como aponta Terry Eagleton (2019), é um importante veículo de legitimação de discursos e interesses das classes dominantes, ela é também uma potente ferramenta para representar identidades dissonantes, contestar histórias hegemônicas e fazer ecoar contradiscursos, como propõe Regina Dalcastagnè (2007).

A poesia é escolhida como gênero desta obra pela sua potência responsiva ao seu tempo histórico (von Hunty, 2020). Significa dizer que, por ter menor tempo de produção, quando comparado a outros gêneros literários, a poesia é um gênero que se configura e circula de maneira mais rápida e responsiva. Ou seja, responde mais rapidamente aos eventos históricos e sociais de um determinado tempo, ocasionando a circulação dessa resposta de maneira mais ágil e fluida, à medida que sai das circunstâncias do processo escrito e se estende a saraus, rodas de *slam*, lambes no ponto de ônibus, músicas, dentre outras formas de circulação.

Assim, quem lê esta obra pode encontrar poemas-respostas a diferentes situações que acometem o povo beradeiro de Porto Velho, como a construção das usinas hidrelétricas que represaram o rio Madeira, as migrações forçadas, o desmatamento da Amazônia, as formas de resistência das mulheres negras amazônicas contra as mazelas sociais marcadas duplamente pelo gênero e pela raça, dentre outras questões tão prementes nesse tempo histórico.

Ainda, esta obra poética pode ser lida como parte do processo de descolonização do território cultural, mas não a descolonização tal qual elaborada por Edward Said em *Cultura e imperialismo*. Para Said (2011), as resistências nas disputas territoriais podem ser lidas como resistências primárias, sendo secundárias as resistências ideológicas que buscam restaurar o senso comunitário e identitário estilhaçado pelo sistema colonial. No entanto, entendemos que as formas de resistência primária e secundária apontadas por Said (2011) devem ser compreendidas num processo dialógico, no qual as formas de resistência se

alimentam e se fortalecem mutuamente. Tampouco podemos conceber como ideológicas as resistências dos povos colonizados, uma vez que essas formas de resistência justamente desnudam e criticam o que a ideologia desenvolvimentista na Amazônia busca ocultar como expressão do real. Assim, diante da ideologia colonialista/desenvolvimentista e de progresso na Amazônia, instrumentalizada para assegurar as formas de exploração e dominação político-econômica, emergem diferentes formas de luta e de formação pedagógica que se contrapõem ao modelo hegemônico.

No contexto do território de Rondônia, especificamente de Porto Velho, a ideologia imperialista ganhou novas roupagens com as explorações dos ciclos da borracha, entre finais do século XIX e início do século XX, cuja expressão máxima do símbolo extrativista da indústria gomeira foi a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1912), um empreendimento colossal para atender aos interesses econômicos dos Estados Unidos e Europa (Córdoba, 2024: Hardman, 2005). Essa intervenção colonizadora, puramente para fins de acumulação do capital, modificou as culturas originárias, fomentou processos migratórios e fixou modos de sociabilidade, nos quais incluem a imposição linguística e literária para assegurar o processo de imposição (neo)colonial, legitimando discursos, costumes e modos de pensar colonizadores e violentos a ponto de inferiorizar os povos e territórios colonizados, suas expressões culturais e seus modos de vida.

Sob o jugo colonialista, portanto, o modo de viver beradeiro, seus costumes e expressões, incluindo o próprio termo “beradeiro”, foram utilizados para depreciação dos povos que assim se identificam. O movimento de resignificação da identidade beradeira tem ganhado corpo nas diferentes expressões culturais, como a literatura, o teatro, o artesanato, a culinária, a moda, o design, etc., especialmente após a realização do Festival Beradeiros, em 2005. Parte da resignificação e reivindicação da identidade beradeira como instrumento político deve-se à atuação da banda Quilomboclada, que une a perspectiva do quilombo à caboclada para demarcar um posicionamento afroindígena beradeiro na música desde 2003. Seus fundadores compõem esta antologia: Béra Samuel Pessoa, organizador desta edição, poeta e revisor de conteúdo e o poeta, músico e artista plástico BerAkillaz.

Embora alinhavada pela beradeiragem, a seleção de poemas que apresentamos é diversa e múltipla, tem diferentes influências e pontos de vista, construções estéticas distintas e eu líricos plurais. Assim, encontramos aqui não uma

única poética beradeira, mas diferentes modos de ler a vida beradeira em suas pluri interações. Entramos na poesia beradeira em diálogo com o cânone literário brasileiro e com a singularidade vocabular das matas e das florestas, das expressões da beira do rio, dos seringais, da fauna e da flora que se apresentam familiar ao público leitor beradeiro, mas que pode facilmente embarçar os repertórios do leitorado de outros contextos, cancelando, portanto, processos de alteridade na leitura.

Antônio Serpa do Amaral Filho (mais conhecido como Basinho) é quem dá abertura a esta Beradeiragem e nos apresenta uma voz poética histórica e em diálogo com diferentes movimentos literários brasileiros. O autor integra elementos que perpassam escolas literárias, que retomam autores de expressão nacional e que exacerbam novas formas literárias expressas pelo modernismo brasileiro e suas rupturas estético-linguísticas, sobretudo, evocando os manifestos oswaldianos. É o “Manifesto Karipuna” que abre esta antologia poética. É um manifesto de quem se denuncia como um futurista da Poesia Pau-Brasil (Andrade, 1924). Mas essa é uma antropofagia revisitada, feita agora desde a Amazônia, crítica e fora dos escritórios de São Paulo. Aliás, a crítica aos modernistas do centro literário de São Paulo é tópico caro à poesia da jovem poeta Gabriela Saturnino, em seu poema “Ode ao Descobrimento de Mário de Andrade”.

Ainda sobre o “Manifesto Karipuna”, é importante mencionar que se trata de um manifesto que alude aos povos indígenas da região, mais especificamente ao povo Karipuna de Rondônia, que, como tantos povos à beira do rio Madeira, fora violentamente atacado com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e com os ciclos de exploração da borracha em Rondônia, mas que nunca deixou de resistir. De acordo com o ISA (Instituto Socioambiental), em 2004, registrou-se apenas quatorze sobreviventes do povo Karipuna de Rondônia. Além da violenta história de genocídio desse povo no século XX, motivada por interesses econômicos, os Karipuna seguem sendo atingidos pelas construções de usinas hidrelétricas no estado e pelas novas facetas do projeto capitalista, de modo que é urgente debatermos, para além das representações literárias, as situações e questões políticas que acometem a vida dos povos indígenas.

Nesse sentido, aludir aos Karipuna na literatura é posicionar a importância de pautarmos a luta histórica desse povo quase dizimado pela invasão colonial e ataques capitalistas em Rondônia, ao passo que reivindicamos a urgente demanda por políticas públicas que garantam condições de vida para os Karipuna e seus parentes

indígenas. Se o movimento artístico beradeiro, entre as décadas de 1980 a 1990, fizera circular a literatura local na cidade de Porto Velho por meio do projeto “Mosquitinho Karipuna”, com o avançar das pautas indígenas no século XXI, temos um movimento Béra muito mais atento à posicionalidade e compreensão de quem deve ocupar os lugares de fala, sem se esquivar, entretanto, de falar junto, falar com, engrossar o pirão (como dizem os/as amazônidas), entendendo que a luta beradeira deve ser uma luta unificada com as pautas de diferentes frações da classe trabalhadora.

Nesse sentido, é importante ressaltarmos que esta obra não se trata de literatura indígena, embora permeada de alusão às lutas históricas dos povos indígenas de Rondônia, sua sabedoria ancestral e suas cosmovisões. Reconhecemos a importância da vasta literatura indígena que tem ganhado propulsão desde a década de 1990, suas elaborações teóricas e suas proposições epistemológicas que questionam o próprio conceito de literatura e de autoria, além da premente correlação desta literatura – marcada pela atuação direta de escritores/as indígena – com a política em torno da questão indígena (Dorrico, 2018).

Entretanto, não deixamos de concatenar que a exploração do território de Porto Velho, que afetou diferentes povos indígenas e seus modos de vida, é fruto dos interesses econômicos para acumulação do capital desde o século XIX. Se, no século XIX, as cachoeiras do Rio Madeira precisavam ser contornadas para atender aos interesses extrativistas da indústria gomeira, no século XXI, os avanços capitalistas as extinguiram com a construção da Usina Hidrelétrica Santo Antônio (2012) e outras espalhadas pelos rios de Rondônia. Os poemas do Poeta Mado e de Nilza Menezes presentes nesta antologia exprimem os sentimentos dos povos beradeiros frente à exploração do rio represado, demarcando uma poética que dialoga com a memória.

Nilza Menezes é poeta contemporânea dos diferentes “B” que se cristalizaram como expressão do movimento beradeiro, em finais do século XX e início do século XXI, em Porto Velho. Letra B de *Béra* e das iniciais carinhosas pelos quais são conhecidos alguns dos Béras que se reivindicam precursores do movimento local beradeiro. Nomes bem referendados na voz poética de BerAkillaz, na “Declaração Universal dos Direitos Humanos Beradeiros”. Declaração que, aliás, viabiliza questionar o sujeito universal de direitos assegurados pela democracia burguesa.

Claro que esta antologia poética não se constituiria sem esses Béras, mas é ainda mais claro que o movimento Béra não se concentra na produção artística de

homens B-éra. Aqui, é preciso lançar mão da interseccionalidade como ferramenta analítica (Collins; Bilge, 2017) para compreensão do movimento e proposição mais abrangente de suas formas de expressão. Gênero, raça, classe, sexualidade, posicionalidade e geografia se concatenam nesses poemas. Vemos desde questões geopolíticas que afetam a Amazônia aos costumes reafirmados pela gente beradeira das margens do rio Madeira; a voz poética que busca localizar-se em meio à cultura hegemônica; as influências do hip hop como cultural marginal que ressoa em versos; a Amazônia negra construída por mulheres afroamazônidas; o sujeito caboclo e a caboclitura ressignificada e reafirmada; a parte do Brasil que se autorrefere latino-americana; a geração de jovens poetas em busca de sua identidade amazônida; a presença das narrativas orais; a fauna, a flora e a gente-floresta.

Aqui, o público leitor beradeiro encontrará identificação e ressonância de vozes que lhes são familiares, ao passo que o leitorado mais distante do contexto amazônico pode conhecer e se deixar ser atravessado por essa parte do Brasil tão negligenciada e hegemonicamente retratada. Esta antologia é para se fazer conhecer e reafirmar que há aqui uma expressão da literatura brasileira que é beradeira, é portovelhense, é amazônida. E a *Beradeiragem* é política. Desejamos uma excelente leitura!

Naylane Araújo

Poeta, tradutora e professora no Departamento de Línguas Estrangeiras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

## Referências

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

CÓRDOBA, Lorena. *La reina del Orthon: crônicas femeninas del auge gomero*. Venezia: Edizioni Ca` Foscari – Venice University Press, 2024.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, 2007.

DORRICO, Trudruá. Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). Rio de Janeiro: ZAHAR, 2020.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem-Fantasma: a ferrovia Madeira-Mamoré e a modernidade na selva*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HUNTY, Rita von. Slam e Poesia. In: *Tempero Drag*. 2020. 1:53.

LEÃO, Maria Auxiliadora Cruz de Sá; AZANHA, Gilberto. *Karipuna de Rondônia*. In: ISA. Povos indígenas no Brasil. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karipuna\\_de\\_Rond%C3%B4nia](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karipuna_de_Rond%C3%B4nia). Acesso em: 20 out. 2023.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.



**Antônio Serpa do Amaral  
(Basilho)**



## Manifesto Karipuna

Antes da palavra escrita,  
 dos reinóis e da nobreza  
 assim era a natureza do Mundo Novo Brasilis.  
 Não fazia ideia Anchieta nem Vieira nem Cabral  
 nem Bento Teixeira tampouco,  
 nem Gregório do Barroco,  
 nem o Cláudio do Arcadismo nem Santa Rita Durão.  
 Nem mesmo a primeira geração do romantismo  
 caboclo de Gonçalves Dias e Magalhães,  
 nem mesmo as demais gerações  
 de Casimiro, Castro Alves e Junqueira,  
 nem Macedo da Moreninha nem Alencar de Iracema.  
 Nem o modernismo antropofágico paulistano  
 tampouco o manifesto andradiano.

Só a terra havia, i tinha o rio-mar;  
 a vida acontecia, i tinha cesta;  
 a chuva caía despudorada;  
 i tinha a gente tupiniquim.

Era Tupã, maniva, patuá, Ceci i tapuia,  
 tapera, curumim i tajá,  
 samburá, pupunha, samambaia i pitomba,  
 bico de arara, arraia, piriquito i barreiro,  
 aceiro, tucupi, porco-do-mato, jambu i borduna,  
 gente Karipuna,  
 sucupira i mangaba.

Eram recifes intemporais, infinitos litorais i babaçu;  
 eram homens: novos, velhos, tupis i guaicurus;  
 eram mulheres: nuas, cruas, saradas, despertas, cansadas;  
 i tinha tucumã, i macaxeira, pimenta malagueta i o cheiro do jenipapo,  
 i tinha urucum, papagaio, sabiá, anum i girassol,  
 ingá, tupinambá, tapioca, guajará-mirim i atol,  
 i tinha dança, fogueira, festança i jaci,  
 i tinha caça, onça do mato, caititu i pintado,  
 tinha viado, colibri, macaco prego i mungango,  
 tinha guerra, tinha terra pra todo lado,  
 i tinha choro, tinha medo i bravura,  
 também tinha cunhã, cipó, i cascavel,  
 surubim, pico-de-jaca, i potoca,  
 farinha de tapioca, biribá, cupuaçu i pão, i queijo,

tinha pajé, ziguizira, uirapuru i mutum,  
 i tinha crença, tinha lua, a lenda da caninana,  
 mel de abelha, caju, i zarabatana,  
 tinha cacique i tambor,  
 araçá, goiaba, iara, tchaca-tchaca-na-butchaca i zueira,  
 corredeira, Mata Atlântica i lagoa do Abaeté,  
 castanheira, peixe-boi, pereba, beiradão i piranha,  
 tinha oca, cafuné, maloca, mujangué i pirão,  
 trovão, inverno, pororoca i piracema,  
 o canto da jurema, chocalho de cascavel i penacho,  
 i tinha tribo, conelho, saúva, suvela i buriti,  
 patativa, fresca da tarde i baleia,  
 tinha até sereia no mental dos nativos,  
 Quarup, mandacaru, tucuxi i piaba,  
 jiquitaia, tucandeira, pixilinga i pajelança.

Um dia, assim que o sol despontou brilhante  
 no horizonte azul do verde mar,  
 eis que chegaram os invasores navegantes.  
 E teve olho arregalado e bisbilhoteiro,  
 o coração bateu mais ligeiro,  
 e houve um correr à praia, espanto e desconfiança,  
 praga de sonso, euforia, correria e gritos de guerra,  
 posse da terra em nome do Venturoso,  
 e teve a primeira missa e a primeira hóstia também.

Ao Rei de Portugal, Cabral mandou avisar:  
 tinha descoberto novas terras, vida nova, novo mar.  
 Parido para o novo mundo,  
 Macunaíma,  
 quinhentas calendas no lombo em busca de sua louca identidade,  
 entoa seu grito libertário e antropofágico:  
 Que se danem as boas intenções!  
 Que venham os ingleses, negros, franceses, holandeses e lusitanos...  
 Que venham todos os mundanos!  
 Gregos e troianos!  
 Tenho o olho maior que a barriga,  
 a fome de história maior que a boca da noite,  
 e uma incomensurável e pirante sede de vida justa!

Estão todos convidados! A pajelança vai começar.  
 Venham plasmar a cara de uma gente sem rosto,  
 com dez mil falares a gosto,  
 vamos construir a grande civilização tropical,

aquele que haverá de despudorar o mundo,  
e abençoá-lo em kizombas,  
romarias e benzedeadas,  
desbundes, macumbas e carnavais.  
Viva o cantar dos pajés: Ubaldo e Darcy Ribeiro!

## Aluá de Mariri

vivo no Panamericano porto  
 liquidificando meu viés romântico  
 um transatlântico com a cara de toda gente do Brasil  
 onde tudo é provincianamente seringueiro  
 meu anjo torto,  
 meu som insosso,  
 a voz esgota a desaguar no Madeira  
 sou cordilheira índiaméricamazônida,  
 tupiniquim e guaporé

porto é rebordosa,  
 rosa antropofágica do norte  
 onde a morte cala exuberantemente reprimida  
 e tanto faz quanto tanto freud a nova lida  
 se na nossa linda city,  
 travestida, antienrustida,  
 o poder é ópio do povo

sonsa,  
 tua cara é libidinosamente sádica, trágica  
 teu silêncio vende minha sorte a quem te der mais  
 teu desabafo experimentalmente ríspido  
 lava a roupa suja da emoção nesse compasso

porto,  
 me serve a lombra de um outro site  
 detona a veia da emoção, me escuta  
 na minha cuia mariri não é cicuta  
 mas aluá de magia beradeira

as nuvens cínicas incendeiam o ar  
 mística guerreira sem nenhum pudor  
 neo-experimentalismo, um pulsar

cadê tua foz?  
 cadê tua voz?  
 cadê a luta do teu povo inerte?  
 o som deste rincão de garimpeiros?  
 a pompa do teu hino ufanista?  
 a vista do mirante beiradão?  
 cadê o trem da Madeira-Mamoré em romaria?

diz-que já vem  
ano-que-vem  
ano-que-vem

e o escaldante sol da nova estética?  
cadê o canibal do teu terreiro eclético?  
a calda do teu crítico patético?  
o transmutar frenético?  
a sinfonia do Madeira em tom maior, cadê?  
o verso animal do Moreira?  
o desbunde madeirista?  
o teu sentido niilista?  
o novo artista desvairado?  
a bomba plástica do aluado?  
a sedução bombástica?  
a nova poesia cáustica?

tua gente  
teu navio  
teu cais

tua boroca semântica?  
tua tapioca quântica?  
tua macaxeira homérica?  
cadê tua voz de lavadeira?  
cadê tua foz?  
teu ócio  
nosso óbvio  
todos nós?



**Rubens Vaz Cavalcante (Binho)**



## Piracema

rio acima nada nadadeira  
contra a corrente  
rente à beira beradeira  
abas são asas de piramutabas  
e de tambaquis

transparência líquida  
me líquida a razão  
e meu coração de traíra traída  
reluz de relance e resvala no chão

não me mate, moço  
estou ovada  
não me fisque, moço  
vou apressada  
cumpro missão celestial

rio acima estou tentando  
chegar ao cais da reprodução  
não quero mercúrio  
não quero bagulho  
não quero esta morte servida em grão

não mate meu rio  
verde verdoengo leito floral  
não me transforme em caça  
não mute pescaria em festival  
pois estou prenhe e estou bonita  
porém aflita  
neurose dessa tua pose letal.

## Ponto do Velho

minha urbe  
e minha mulher,  
nave-espaco-porto-mãe,  
onde me encontro e me perco  
em nuances de rio e de margem,  
de madeira e de barro.  
urbanismo caboclo  
que me faz artesão dos signos,  
poetatuando  
maneirismos e morenices  
amazônicas.  
tuas ruas,  
veias sonoras  
de nossas vozes alazães,  
brincam de raptos fugazes  
carregando-nos à revelia do vento.  
minha cidade  
de sol e chuva,  
de mangas maduras nos quintais,  
mistura de tantos brasis,  
alquimia de cordéis  
e de ameríndios voos poéticos  
— onde ecoa ainda  
o canto barbadiano nos clãs.  
terra de piracema,  
dos igarapés,  
das quadrilhas e bois bumbás,  
dos bares malucos  
— de violão e cavaco —  
percussionando nossos corações  
de moleques levados.  
arteiros curumins  
que te amam e te protegem  
e que às vezes morrem contigo.



## **Bira Loureiro**



## Nós

o rio tece a teia  
corre o fio na veia

nó  
nos ata  
nós  
nos saltam  
aos olhos

o som da mata  
sussurro escapa  
o mundo  
acolhe

curumim que brinca  
de descobrir  
a lança  
a se lançar

quintal virtual  
teia de nós

**Atuações**

o tambor que chama	pulsa
ao nascer o som	salta
o sentir prazer	toca
sendo só você	falta
amanhã morrer	nunca
pra depois crescer	basta
o oco do toco	lupa
um devir do ser	luta
virtual paixão	musa
cibercultural	busca
de tendências nós	norte
atualizações	no ver
atua ações	no ter
atuações	no ser



**Carlos Macedo Dias (Poeta Mado)**



**Ato**

Neste Rio e Florestas  
a Tempestade não sentia  
medo das batidas do coração  
eu no meio dos Trovões  
Relâmpago formando  
um psicodélico festival de cores  
nunca tinha visto no poema escrito  
aqui em Pedras que se foram  
com as bombas das usinas  
hidrelétricas  
fui buscar as Memórias  
cavando cérebros cavucando  
lembranças  
pra serem contadas em cenas  
de teatro  
povo que vive nos Troncos  
Barrancos, Praias que surgem  
no meio e no decorrer do tempo  
o Corpo dança feito escuridão  
o Sol avermelha,  
os olhos acompanham  
o progresso que acordou meu Sonho.

## Poema na beira

O poema feito aqui tem:

borracha  
seringa  
seringal  
seringueiro

O poema escrito aqui tem:

cassiterita  
ouro  
garimpo  
garimpeiro

O poema lido aqui tem:

barragem  
barrageiro  
usinas  
bancos  
débitos e dor

O poema encenado aqui tem:

boi bumbá  
quadrilhas  
cantos  
contos  
visagens

O poema é daqui

é de lá

tem Mocambo, tem Triângulo

Stª Bárbara

Urubu Vira-Lata

Murupi Malagueta.



**Nilza Menezes**



## **Espelho d'água I**

se encachoeirar nas pedras  
deslizar feito cobra  
contorcendo  
se exibindo  
vivo e cheio de alegria  
não é mais possível  
para esse rio.  
agora represado  
controlado  
retirado da sua natureza  
da sua rebeldia  
não mais cachos d'água  
contornando pedras  
rompendo margens  
crescente e vazante na forçada lua.  
já não faz mais espelho  
com medo da imagem perdida  
como velhos com medo  
da própria imagem  
cansada  
modificada.

## **Espelho d'água II**

esse rio foi espelho  
para botos e laras.  
foi lenda no imaginário  
dos que sonhavam  
e percebiam com olhos d'alma.  
aí os que nada sabiam  
de antepassados  
só viam presente  
nem sabiam o que era futuro,  
vieram retalhar esse rio  
esconder suas pedras  
e dominar suas águas.  
hoje ele cumpre prisão perpétua  
e toda vez que tenta fugir  
é controlado à força bruta  
não espelha mais os rostos  
dos botos e laras  
e sem alma  
sofre de depressão.



**Matheus Faustino**



**homem-rio**

Minha cidade é um porto  
eu sou um rio selvagem  
à procura da minha foz  
Carrego a fúria dos Andes  
e a majestade amazônica  
Fui gelo, agora sou água  
antes de não ser mais nada  
serei sereno.

## Uma memória de infância

Nos fundos lá de casa passa um córrego  
sussurrando segredos solitários  
em uma língua ancestral  
que eu falava quando era criança  
me banhando naquelas palavras  
de um lugar atemporal

## Espinho

Sou esse tucumanzeiro  
que brotou no asfalto da cidade  
tenho meu espinheiro  
que ora me afasta da maldade  
ora mantém por perto a saudade



**Amanara Brandão Lube**



**Alô, alô, urbano**

Alô, alô, urbano  
Alô, alô, humano  
Aqui quem fala é do interior  
Do interior da terra  
Das terras do interior  
Interior

Estão tentando monopolizar meus sentidos,  
esterilizar meu coração.  
Pulverizaram veneno em minha visão,  
mas eu ainda consigo enxergar,  
com olhos que ninguém pode ver

Alô, alô, humano  
(eu te vejo)

Alô, alô, urbano  
(eu te vejo)

Aqui quem fala é do interior da Terra.

## Corpo-banheiro

Movimento-me  
feito banheiro.

Memórias me povoam  
feito troncos a boiar por minhas sinuosidades  
– traços e rugas.

Seres desconhecidos, encantados e reluzentes  
habitam minhas profundezas e margens.

Minha liquidez é mistério ancestral.

## Saudade ancestral

Tua largura negra de traços  
me desperta a fineza  
de ver o que não se diz,  
de ler no corpo  
uma ancestralidade  
que não se encontrará em cadernos  
de memórias familiares  
ou álbuns de fotografias  
que não existem.  
Está nas nuances do teu jeito de ser  
que falam sobre uma saudade ancestral  
de coisas que não foram vividas  
mas ficaram ali guardadas,  
correndo pelas veias,  
transbordando pelos poros,  
encarnando gestos,  
guiando as mãos  
e os passos  
insurgentes.

## **Preta Ponta de Facão**

Tava escrito, repetido,  
nas vozes que ecoam por todos os cantos,  
todos os contos.

Que essa coisa  
de “ser mulher”  
doía, doía, dói.

Tava dito, me ditaram,  
e eu não entendi,  
até que vivi, vi, senti.

E doeu... Doeu.  
Dói. Dói.

Pra cortar as amarras  
que me cortam a pele preta,  
a carne preta.

Doeu... dói.

Minha alforria  
sou eu quem me concedo  
todo dia.

É construção.  
Desconstrução.  
Vou cortando cada amarra  
feito ponta de facão.



**Jamile Soares**



### **Ando com as minhas ancestrais**

Na beira desse rio  
A brisa da memória me atravessa  
Sinto as vozes das minhas ancestrais ecoando  
Embarcaram no porto do Vale do Guaporé  
Vieram de outros países, outros Estados  
Ocupando as lavanderias, as escolas, a cultura  
e o sangue das descendentes  
Minha mãe veio de longe  
Deixou sua terra pra se tornar rio  
Chegou aqui educando  
Quantas vieram de outros lugares  
Com os mesmos sonhos ou tristezas  
Procurando comida na mesa  
Encontraram açaí, pupunha e cupuaçu  
Seus nomes foram substituídos  
Pelas imagens dos capitães  
Desbravadores de uma terra que já tinha mãe  
O sangue que brota desses apagamentos  
Aduba as filhas dessas mulheres  
Criadoras da Mãe Amazônia.

## Mãos pretas

Pretinha, Pretinha, Pretinha.  
Sempre me cuidando  
Seus cabelos brancos são tingidos de amor  
E me dão a certeza de um amanhecer  
Teu sorriso é como água fresca  
Inunda a casa de vida  
Regando para nos ver florescer

Pretinha, Pretinha, Pretinha.  
A raiz da família

Braços de rede, embalando minha criação  
Seu olhar: um portal para o passado  
Guiando-me para o próximo passo

Pretinha, Pretinha, Pretinha.  
Quando me olho no espelho  
Vejo você  
Minha vó  
Vejo uma Amazônia negra

E mãos pretas a me sustentar.

## Corpo-resistência

Quantas dores um corpo é capaz de suportar?  
Andando na rua  
Dentro dos supermercados  
Fazendo show  
Respirando

Nossos corpos violentados de tantas formas,  
todos os dias  
Balas, palavras, cuspe e rejeição  
Até um ex presidente que nem parece gente  
Sempre com açoite na mão  
Tirando comida da boca dos meus irmãos  
Corpos jogados na vala da fome

Mas respondo pra você  
E pra quem me escutar  
Nada vai nos parar!

Meu povo caminha com a força de milhares de ancestrais  
Somos corpo-resistência  
Tirando a máscara de Flandres  
Colocada na boca de Anastácia  
E sim! É muita audácia  
Viver em tempos de constante ameaça

Mas respondo pra você  
E pra quem me escutar  
Nada vai nos parar!

Como diz a letra do Emicida  
“Tem pele alva e pele alvo”  
Mas esse alvo virou punho erguido  
Manifestação  
Grito na rua

E reafirmo pra você  
E pra quem me escutar  
Nada vai nos parar.

Eu vejo a Amazônia invisibilizada  
As histórias do mormaço apagadas

A bailarina da praça passando fome  
Eu vejo o Agro, o agro-tóxico  
A boiada passando em cima de corpos indígenas  
E o Norte no escuro.

O rio contaminado por dinheiro  
E pessoas querendo ir embora por desespero  
Terra sucateada por quem quer colher sem plantar

Mas garanto pra você  
E pra quem me escutar:  
minhas irmãs e irmãos béras  
você terá que respeitar

Amazônia pra nós é lar  
E você não está convidado a entrar!



**patthy pds**



## ~ floresta mapinguari

no outro arco do desmatamento  
a amazônia ocidental  
rondônia - porto velho - brasil  
eixo perimetral da fronteira pasto/soja e floresta  
floresta que resiste ao des(avanço)  
floresta que pede por descanso

3.6.4

três seis quatro  
onde começa o rasgo do portal-amazônia

não existe portal para a amazônia!  
só existe pasto!  
só existe soja!  
só existe gado!  
queimadas! queimadas y queimadas!  
e o monstro mapinguari?  
ainda aqui?  
só existe o monstro de concreto barrando o meu rio-madeira  
e que levou a minha cachoeira.  
na explosão das pedras, mapinguari chorou com apenas um olho.  
quem tenta olhar para a mapinguari, só vê monstro de concreto.  
só vê monstro pasto!  
só vê monstro soja!  
só vê monstro gado!

MA

PIN

GUA

RI

ainda aqui?

**~ norte**

o mundo aponta pro norte  
não o norte global  
o norte-amazônia  
de países amazônicos  
o mundo aponta ao norte  
com o objetivo de chegar em terras de povos que sabem dialogar com a floresta  
o mundo aponta a sua cobiça pelo norte,  
pela amazônia,  
mas não nos vê,  
ou, nos veem de satélites  
não conhecem os seres que aqui estão  
que convivem com a destruição e a preservação  
com a grilagem, roubo, especulação, invasão.  
o mundo não sabe o que é comer piabinha frita do igarapé pescada na hora.  
o mundo matou o meu igarapé porque precisa de soja.  
o mundo, quando enxerga por cima, não vê quem está embaixo. sol a sombra, o  
nortista  
resiste ao capitalismo e ao agronegócio.  
conviver com a mãe-terra amazônia é uma prática, viver em amazônia é prática, ser  
amazônia é prática.  
o norte-amazônia é povo de sol e sombra.

**~ do norte pro sul pro norte (parintins-amazonas)**

cresci dividida pelo azul e vermelho no sul do estado do amazonas. o amazonas é azul-vermelho. azul-céu; vermelho-povo. brincando de boi desde cunhantã, fui brincar de boi adulta em parintins. a terra do boi garantido. lá eu senti o vento da ancestralidade soprar no ouvido e sonhei com meu avô. sentado numa cadeira, num lugar tão branco quanto o quarto em que eu estava hospedada, ele todo de branco, se fez encarnar no meu sonho. pediu licença para falar da sua espiritualidade (pretamaranhense-amazônida), me disse que cada um tem a sua, e eu logo imaginei que em parintins não seria diferente, aquele lugar pulsa magia ancestral. nossa conversa foi entrecortada pelos elementos mundanos. e então bateu uma saudade tão forte de suas potocas bem elaboradas com enredos mirabolantes. senti falta da minha infância-amazônia. da brincadeira no igarapé, nas pedras do rio madeira em humaitá, de andar descalço na beira do barranco. meu avô me diria alguma coisa que eu não ouvira, porque eu era assim - cunhatã atrevida - só ouço quando quero. mas me disse sem me dizer que ele se faz amazônia, que a amazônia é ele próprio e que este lugar o acolheu depois da diáspora. aquele meu preto-velho seringueiro, que me contava estórias em noites sem energia elétrica, se tornou autodidata em amazônia, cortando seringa. ele veio em parintins, o lugar que pulsa magia ancestral. ele é amazônia. salve, milton plínio, meu avô seringueiro!

**~ uma mulher que ama em amazônia**

uma mulher que ama em amazônia  
ama outras mulheres amazônicas  
amazônidas  
ama  
ama porque quer amar  
ama porque a floresta clama  
por amor  
ama outras mulheres  
ama, porque é terra-mãe  
terra-rio  
ama  
por que  
as outras são:  
um pouco de mim  
um pouco de nós,  
ama-zônias,  
floresta  
terra  
rio  
beiradão,  
porque somos  
mulheres: indígenas, negras e ribeirinhas.  
de nosso suor quente e úmido  
amamos a amazônia daqui.

com amor, mulheres da amazônia que amam a amazônia fincadas aqui.



# Negra Mari



## A tão grande Outra

Ela grita pedindo que eu abra as portas  
machuca desfazendo meus planos  
me vira e me rasga de dentro pra fora  
sussurra absurdos que não acredito  
vive no meu quarto  
invade os sonhos  
resgata lembranças de outra geração  
nem abro a boca, engulo, mastigo  
estou noutra parte  
noutra cor de chão.

Estende suas mãos magras e velhas  
que já escreveu pra tantas uma sina  
desejo fugir  
não sei o que me espera  
ela saiu do nada  
ficou desde que nasci  
mais velha que a terra, ainda menina  
feita de desaforos, de arrogâncias  
diz que se não a quero  
ela pode partir.

Sou Outra todo dia  
mudança constante.

Se o cabelo se assanha ou a roupa rasga  
se o corpo engorda  
se de estria se risca  
se tem celulite  
se o amor se despede  
nada disso importa, nada mesmo a para  
a dor não lhe assusta  
o sim ela arrisca  
fala de amor próprio e nada me pede  
ensina a dizer sobre tudo o que sinto  
olhar ancestral  
que o profundo revela.

## Arma afiada

Traz consigo arma afiada  
no coldre, reserva  
nos bolsos, munição  
pra quem se atreve lhe desafiar  
esteja ciente que é coragem  
não hesita disparo, economiza não  
aprendeu cedo a atirar  
pistola pesada, destreza, arco e flecha  
nas linhas de guerra, linhas de conflito.

Se banha em águas de rio que curam  
resgatou realeza, beleza, suas crenças.  
É bantu, mukongo, kikongo, angola.

Não abaixa a cabeça  
o crespo é coroa  
poder criador  
rainha na história...

Carrega consigo arma engatilhada  
sim, anda armada do fogo da fala  
espada que corta no instante que fere  
amola as lâminas na pedra bruta  
sentimentos, reações, no canto da sala.

Camisa de força para conter loucura  
Se enganam se pensam que calam  
Seu silêncio ecoa no ouvido,

— ESCUTA!



**Andressa Silva**



## Olhando no rio

Na beira,  
diante do rio que me alimenta,  
onde sopra o vento  
que leva o que não é meu,  
Tupã traz no mormaço  
uma nova ideia.  
Caminho bom  
é pela verdade do coração.  
Cheiro de abraço,  
perfume de tucumã, beijo e farinha,  
você é  
uma das minhas memórias mais lindas.  
Toda mulher à beira d'água,  
na verdade, não está à espera de  
ninguém além de si mesma.

Volte sempre ou nunca vá, disse ela  
se olhando no rio  
depois do banzeiro forte passar.



# Samuel Pessoa



**BÉRA.disse**

Um Béra disse que no âmago da Amazônia,  
onde as águas é que mandam,  
vive um irmão Béra  
guardião da Floresta.

Na ilharga do igarapé,  
sua maloca ele ergue,  
sobre o encanto de uma canção  
que vem de escuras águas,  
onde ele pesca e voa.  
Conhece cada canto, cada peixe,  
cada segredo da mata.  
Com sabedoria ancestral, ele se apega  
nas trilhas, raízes e ervas.  
Na proa da canoa corta as águas,  
[chape-chape-chape...]

Lá-u-vai um Beradeiro!

Com a força que rema,  
com o Rio ele fala.  
Sabe quando pescar,  
como a rede montar.  
Arandu é premissa  
de sua Beradisse.  
A noite chega  
e o fogo espoca na beira.  
Histórias serão contadas sob o luar  
em linguagem Beradeira.

Assim, a voz do guardião entoa  
sabedoria que nos encadeia  
a manter valiosa herança  
da tradição Beradeira.



**Célia Marques**



## Cega<sup>2</sup>

*cega* da maninha  
subiu no batelão  
ganhou meu coração  
antes mesmo  
de chegar na restinga  
*cega* da maninha  
me achou pouco feio  
beijou o meu rosto  
tocou em minhas mãos  
*cega* da maninha  
no belo pôr do sol  
me pescou  
com seu anzol  
bem perto do farol

---

<sup>2</sup> N. E. Expressão tipicamente portovelhense utilizada para se referir a algo ou situação que pode ser mentira, enganação, enrolação, cilada.

### Té.leZ.é?<sup>3</sup>

“Té.leZ.é?”

pensando nas meninas  
cantando suas cantigas  
dançando suas cirandas  
girando suas saias feito criança  
requebrando a cintura  
dançando a luz do luar  
desafiando o tempo e lugar

“Té.leZ.é?”

pensando no peixe  
buscando um jeito de explicar  
sua existência nesse lugar  
o encanto e os encantados  
permanecem por lá

“Té.leZ.é?”

vivendo lá na beira  
descendo a ribanceira  
entrando na voadeira  
indo onde quiser chegar

“Té.leZ.é?”

deixando o vento bater em seu rosto  
a água tocar seu corpo  
e você livre  
neste grande afluente do Amazonas  
a voar

no banheiro existente  
no momento presente  
em cada vilarejo  
que irá subir  
quando a vazante chegar  
“Té.leZ.é?”

---

<sup>3</sup> N. E. Leia-se: “Tu é leso é?”.

## Nazaré

Inspirei-me no *seringandô*<sup>4</sup>  
Inspirei-me no encontro de almas  
que pairam naquele lugar  
lugar de amor  
de encontrar-se  
lugar de prosear  
terra farta  
tratada por mãos mágicas  
cultivando os sonhos  
no ambiente  
em que  
se  
está

---

<sup>4</sup> N. E. *Seringandô* é uma dança ancestral que compõe o Festival Cultural do distrito de Nazaré, Baixo Madeira – Porto Velho. A dança afroindígena, oriunda do Lago do Uruapiara, foi levada do Amazonas para Nazaré pelo professor Manoel Maciel Nunes, que dedicou a sua vida à manutenção dos costumes ribeirinhos, tendo sido o fundador do distrito de Nazaré, na década de 1960, e o precursor do Festival Cultural de Nazaré. O festival abriga outras manifestações culturais como o carimbó, o boi-bumbá, grafismo indígena, comidas típicas.



**Béra Akilas**



## Declaração Universal dos Direitos Humanos Beradeiros

**Art. 1.** Todo Beradeiro e toda Beradeira tem o Direito de tomar Açaí.  
E de preferência fazer isso com farinha d'água  
Com calma!

**Art. 2.** Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito à água de Rio.  
De ir prum banho<sup>5</sup> regularmente lavar a Alma  
Tem direito à água do espírito que desce do céu  
entra pelo coração  
passa pela cabeça e corre nas veias  
que nem borboleta na floresta  
Ah, que flor é esta  
que tem cor e sabor de biribá?  
*Mas ulha, mas olha!*  
Jambo tem cheiro de Rosa  
(A)flora  
Jambeiro aflorou!  
Tornando tudo realeza  
tamanha é a beleza  
da Cultura Amazônica Beradeira - Tapete de flor  
Pra bom entendedor e entendimento  
Todo Béra tem direito ao açaí cultural-farinha-espiritual!  
E quem não gosta tem o direito de ouvir:  
"Tá cedo!"  
como quem diz  
"Vai tarde!"  
Todo Béra tem o direito de evitar a *fulerage*.

**Art. 3.** Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito à Cultura e à Arte.  
Direito ao Artesanato  
Direito a Corpo-Voz-Espaço<sup>6</sup>  
Todo Béra tem Direito à Poeta Mado  
Direito à Bira, Bado, Bainha, Binho e Baribu Nonato<sup>7</sup>  
Direito ao Futuro, Presente, Passado  
Direito às Letras  
À Literatura Brasileira  
Tem direito de comer o que vem de fora  
A produzir e consumir sua própria moda  
Direito de devorar a ausência, a indiferença nacional

<sup>5</sup> N. E. leia-se espaço para banho de rio.

<sup>6</sup> N. E. Referência às oficinas do educador popular Poeta Mado.

<sup>7</sup> N. E. Músicos beradeiros de Porto Velho.

E produzir presença Local  
 Direito a não sumir e assumir sua história  
 De ir embora  
 Ou ficar aqui  
 De curtir sua banda preferida  
 Nem que essa banda seja de Tambaqui  
 Direito ao Grafismo Indígena  
 Direito à Vida  
 Direito à Alegria  
 Direito à Poesia  
 Beradelia!<sup>8</sup>  
 Direito de saber  
 Aos saberes  
 Aos sabores  
 Ao preto e branco  
 Direito às cores

**Art. 4.** Todo Beradeiro e toda Beradeira tem o Direito de comer peixe.  
 (assado, frito ou cozido)  
 E de fazer isso sozinho ou acompanhado dos amigos

**Art. 5.** Todo Beradeiro e toda Beradeira tem o Direito de merendar banana frita.  
 (e de dar uma banana para quem quer acabar com a sua vida)  
 Direito de fazer festa protestando  
 E de protestar festejando  
 Direito de estudar  
 E de saber que isso pode resultar

**Art. 6.** Todo Beradeiro e toda Beradeira tem o Direito ao Tucumã.  
 (e de dar tucumanzada em conversa atra-versada)  
 Tucumã é direito, não é praga!

**Art. 7.** Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito a Bodó com café.  
 Direito ao chibé da fé  
 De escutar Caribé<sup>9</sup> e sua Cariberana  
 Direito à castanha  
 Ao pirão da União entre os irmãos e as manas

**Art. 8.** Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito à hora da merenda.  
 (para que nenhum curumim nem cunhã passem fome)  
 O presente Documento esclarece:

---

<sup>8</sup> N. E. Banda tradicional beradeira.

<sup>9</sup> N. E. Cantor beradeiro.

Injustiça social tem cara de herege  
 Isso mexe!  
 Na hora da merenda tem dimdim de abacatada  
 Ingá, suco de cupuaçu  
 Bora tomar tacacá!  
 Beijú  
 Direito não censurável de falar:  
 — Tu é doido é, doido?  
 — Té.leZ.é?

**Art. 9.** Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito ao Pensamento Tribal.  
 Nosso quintal é global, mas eu sou regional  
 Ampliando:  
 Dessa região do espaço Sideral  
 Todo Béra tem o direito de escolher ser local  
 Açaí cultural  
 Farinha d'água é espiritual  
 Todo Béra tem o direito de comer manga verde com sal

**Art. 10.** Todo Beradeiro e toda Beradeira tem Direito à:  
 Memória  
 Justiça  
 Liberdade  
 Livros e escola  
 Em mim mora minha própria história  
 Dialética-Dialógica  
 Todo Béra tem direito à linguagem beradera  
 A língua padrão é a língua do patrão  
 Como dizia meu Avô:  
 “Tem a língua do Caboco”  
 “Tem a língua do Doutor”  
 A língua do Doutor é bonita  
 Mas é a língua do Caboco que explica quem sou  
 O amazonês, portovelhês, o beradês  
 É uma baladeira semântica  
 que defende os direitos do nosso povo  
 E em legítima defesa: Não há dolo.  
 Todo Béra e toda Béra tem direito sobre seu próprio corpo  
 Béra é seu próprio território  
 Senão, a ciência chegue em Marte  
 antes de chegar no próximo...  
 Todo Béra e toda Béra tem o Direito de saber onde tá  
 Pra poder ter a escolha de ficar  
 E continuar a remar

No Movimento  
(e nenhum Direito a menos!)

TEJE DECLARADO!

## Art'tude

O que é a Arte?  
 Ou melhor...  
 Quem é a Arte?  
 Talvez seja mesmo uma Pessoa  
*Mas ulha*, que belezura!  
 A Arte fala  
 A *beradage* escuta!

Arte brilha como sol na mente do leitor  
 Arte é sua própria resposta  
 Perguntando constantemente  
 Quem sou

Arte é sua própria aposta e palavra?  
 Ouça quem escuta  
 Se estuda  
 Quem luta  
 Santa luta!

Seria a Arte o deleite da Bailarina da Praça?  
 Que com certa razão  
 Observa a loucura do mundo  
 E acha é graça!

Arte é coração?  
 Que podemos ouvir  
 Na voz do Zezinho chamado Maranhão?  
 Binho, Bado, Baribu Nonato  
 e Bira com Santa Percussão!  
 Arte profissão de Fé  
 Bainha, Zé Catraca, Ernesto Melo  
 Caribé!  
 E sua Cariberana  
 Dom Lauro e o Berimbalossauro!

Na Raíz Sagrada Humana  
 Toda cria também é Santa  
 Dia após dia  
 Semana a semana  
 De janeiro a janeiro  
 SEMPRE NO ESTILO BERADERO  
 Vendo e sentindo

Arte é Poeta  
 No mato/ Barranco/ Meu morro  
 Bora subindo!  
 Isaías, Espingarda e Sarita

Estão ouvindo  
Quando partem, tem algo que fica  
Além da saudade  
Fica Beradage  
E fica de boa!  
Arte navega no Rio da Vida  
E quando precisa...  
A canoa Beradera avoa!

## Planet'Água

Aprender com a Água  
Que em terra de encantado  
Todos os contos poéticos são pardos  
Aumenta o volume da Alma até o talo  
E se liga na frequência  
dos que não foram subjugados  
Continua remando, Remador  
Que todo mundo sabe  
Que quem ama  
Tem que lidar com a dor  
Pra não entornar o caldo  
A peleja tem cor, cheiro e sabor  
Perfumando o mundo inteiro  
Que nem flor de maracujá  
*Ulha já!*  
O que acho, é riacho  
Então, Beiradão  
Observo  
E muitas vezes fala mais alto  
Quem não reclama nem um piu  
Mas essa gente Mar...  
Eu Rio



**Jhuka Andrade**



## Minha morada

A nossa Terra  
Um presente tão perfeito  
Vê-la morrendo me traz  
Aperto no peito

A natureza  
Não sabem contemplá-la  
Não entendem que sem ela  
Somos nada

Pelas árvores  
Temos o puro ar  
Se atei fogo  
É difícil respirar

Não há como ouvir  
O canto das aves  
Estão matando  
A nossa tranquilidade

Os belos rios  
E mares com certeza  
Estão contaminados  
Com nossa impureza

Hoje não mais  
Plantamos pra colher  
É necessário ter  
Dinheiro pra obter

Egoísmo e destruição  
Jazem!

Isso desperta  
A ira dos orixás  
Machucam Deus  
Com tanta crueldade  
Infelizmente essa é  
Nossa realidade

Ó pai!

Eu sinto tua tristeza  
Ao ver o homem  
maltratando a natureza

Desmatam  
E o fogo consome  
Depois não sabem  
O porquê  
De tanta fome

Ó pai!  
É tão dolorido  
Ver que os campos  
Não estão mais  
Tão floridos

Ó pai!  
Só querem miragem  
Perdoa eles  
Pois não sabem  
O que fazem

Terra, Terra  
Terra, Terra  
Terra  
Minha Morada!



**Marcela Bonfim**



## **Pega no caboco**

Pega no caboco, seu moço  
que na cidade a vida é almoço  
de quem come  
e também passa fome  
e sai sem dinheiro no bolso.

Da beira surgiu pra vida  
mal conseguia andar  
agora caminha rimando  
as coisas do velho amar.

Mas na cidade  
nem tudo podia,  
nem o boto, Maria e Catita  
mas nesse banzo  
o seu mundo crescia  
sua voz,  
seu andar  
sua sina, caboco.

Pega no caboco, seu moço  
que na cidade a vida é almoço  
de quem come  
e também passa fome  
e sai sem dinheiro no bolso



**Asafe Moreno**



## Eldorado Sangrento

Quando os Chibchas queriam viver em paz em seu reino  
Veio o homem branco para embranquecer o rio  
Quem dera se os indígenas soubessem  
Que estavam sendo enganados  
Pela ganância dos europeus  
Uma crença reduzida a uma busca por um ouro  
Um genocídio!  
Será se esse tal de Eldorado era real?  
Não sei!  
Só que tais indígenas morreram por nada  
Crianças, idosos e mulheres assassinadas  
em troca de ouro  
Eldorado é o homem dourado  
Será por que ele brilha?  
Brilha pelo metal dourado  
ou pelo sangue imaculado?  
Só sei que essa história deveria ser apenas filme  
Mas aqueles povos tiveram um triste fim

Por um ouro!  
Por um ouro!



**Gabriela Saturnino**



### Procura-se a Amazônia

Procura-se a Amazônia  
Que fica no Acre, Amapá, Amazonas  
Pará, Roraima, Tocantins, Rondônia  
E até mesmo no Mato Grosso e no Maranhão

Procura-se a Amazônia  
Que não está nos romancistas  
Nem nos modernistas  
Que Alencar não conseguiu estereotipar  
E que o regionalismo deixou escapar

Procura-se a Amazônia  
Não a do Modernismo  
A que eu respiro-vivo

Procura-se a Amazônia  
Que o Mário de Andrade não deu conta  
Tentou na Antropofagia  
Mas *kumeu* a parte de dialogar  
Com os netos de Makunaimã  
que quis representar

Procura-se a Amazônia  
Na minha, na sua, na nossa escrita  
E se é sobre literatura, eu me pergunto  
Quem *kumeu* a Amazônia da minha?

## Ode ao Descobrimento de Mário de Andrade

Aqui na beira da estrada,  
na fronteira entre a cidade e a floresta  
Na capital de Rondônia  
[que, meu Deus, também é Amazônia!]  
Levei um susto disgramado olhando as notícias  
Do resto do país me avisando  
da queimada ao lado de casa

E é como se eu lembrasse que,  
lá no Sudeste,  
[meu Deus, muito longe daqui!]  
na cidade cinzenta de São Paulo,  
os *homi* de terno e gravata  
depois de muita brabeza com o temporal que veio daqui  
[que podiam até aqui ter ficado e, quem sabe, aliviado a fumaça dessa temporada]  
Se deitam em suas camas e, sem sonhos, desfrutam do seu descanso

Meu Deus! Esses *homi* são brasileiros que nem nós  
E acham que são nossa salvação, nossos colonos

Espero que não mandem os caminhões-pipa pra Roraima por engano.



**Ecos**



## Órfão identitário

Rondônia  
Onde a colonização deu certo  
Onde o cristianismo  
impôs o seu correto.

Roubaram nossa borracha  
Apagaram nossa história  
E como se não fosse suficiente  
Manipularam nossa memória.

Soldados da borracha  
E heróis da nossa terra  
Só esquecem de falar  
Que pra isso houve guerras.

Sangue, morte e covardia  
Violência, ódio e terror  
Mas nada disso é mencionado  
Quando só ouvimos o invasor.

Terra sem homens  
Para homens sem terra  
Esse sim, era o lema do progresso!  
Parabéns pelo sucesso!

Mas quanto isso nos custaria?  
Nossa fauna  
Nossa flora  
E um bocado de etnia

Mas o que isso lá atrás  
Implica em mim agora?  
Cresci dentro de um cercado  
Sem conseguir olhar pra fora

Mistura de paraibano  
Com uma paranaense  
Meu irmão é paulistano  
E só eu rondoniense

Família de pastores  
Até na igreja já morei  
Isso foi me sufocando  
Ainda bem que me livre

Literatura só a bíblia  
Da música só louvor  
Do folclore eu te proíbo

Existe só Nosso Senhor!

Fecharam os meus olhos  
Minha identidade sucumbiu  
Assim me tornei um indivíduo  
Sem amazônia e sem Brasil.



**Naylane Araújo**



## Isto não é um poema

Abro o mapa e vejo que estou bem perto da área dos Uru-eu-wau-wau, passando por Ariquemes. AQUI, exatamente onde começa uma série de conflitos e explorações. AQUI, o prenúncio de uma nova vida para milhares de migrantes nordestinos. AQUI, a sentença de morte de milhares de indígenas. O capital não perdoa. Num ângulo de 120°, da minha poltrona no ônibus, de um lado, vejo uma área desertificada pela plantação *sui generis* de soja, enquanto deixo escapar um risinho irônico ao ver as botas *country* sobrepostas ao *jeans* justíssimo do passageiro ao lado sentado à minha esquerda. “Agroboy à esquerda”, penso, e deixo escapar um novo risinho sarcástico. Olho para as minhas próprias botas: velhas, descoladas, empoeiradas, cansadas de guerra: de subir os Andes, de cortar sertões, de trilhar chapadões, de dançar carimbó no beiradão. Do outro lado da estrada, vejo pastos e nelores a perder de vista, e me recordo de um Karitiana me explicando como a “*gente branca cria gado pra comer fácil, porque tem preguiça de caçar. Chama os parente de selvagem porque servem macaco no prato, mas pensa que vaca e bezerro também não sente. Gente branca pensa que só ela sente. Sente dor, sente orgulho, sente desejo de consertar o mundo, só não sente pena da gente! Bota soja de um lado e nelore do outro e ainda quer botar fogo na maloca*”. AQUI, onde se vê só soja, quase não há memória. Em volta da plantação, vejo montinhos de areia e o resto morto da vegetação. Fico inquieta a me perguntar como esse solo tão arenoso podia sustentar uma floresta. Daí me recordo da personagem sem nome de Caio Fernando Abreu ao telefone explicando pro Lui que quando se planta uma única coisa na terra por muitos anos, acaba-se a camada de húmus e a terra vai desertificando.

Deserto-e

d  
i  
f  
i  
c  
a  
n  
d  
o

A-pai-sa-gem-me-can-sa...

De um lado soja. Do outro nelore. À frente, filas de caminhões com vacas empilhadas.

A-pai-sa-gem-me-can-sa...

Olho no mapa e ainda estou há aproximadamente 273 léguas do meu destino.

A-pai-sa-gem-me-can-sa...

Vejo soja e pasto

E eu só queria viajar da amazônia até o cerrado.

**Nota de cem ou a Cosmovisão beradeira**

Na beradeira cosmovisão  
O peixe da cédula é *cega*  
Caboca mal o pega  
Já escapole pela mão

## Beradeiragem

(Ao Béra Samuel Pessoa)

A Beradeiragem tá no ritmo  
 A voz que ecoa do seringal  
 Vibra no palco um canto  
 Luta poética  
 Beira-estética

Um ritmo novo na boca do povo  
 Não é do inglês  
 Provoca burguês  
 Né língua de império  
 Isso é pretuguês

A Beradeiragem tá na veia e no timo  
 O corpo que gira ao som do timbal  
 Caboco Béra que canta  
 A beradagem levanta  
 Beira-psicodélica

Um ritmo novo na boca do povo  
 À margem do sul  
 Tem cor de urucum  
 Saúda pajé  
 Afroíndio de pé

A Beradeiragem tá no princípio  
 Da raiz ancestral  
 Nasce a voz pra clamar  
 Uma luta de guerra  
 Contra ideologia anestésica

Um ritmo novo na boca do povo  
 É do Norte caboco  
 Curandeiro de dores  
 Fecha o corpo e se benze  
 Contra ação dos senhores

A Beradeiragem tá na corda do baixo  
 Na corda que amarra a rede no barco  
 É a luta local

Pra cantar e dançar  
A vida com ética

Um ritmo novo na boca do povo  
Tamborim e tambor  
E as mulheres de cor  
Levantando a voz  
Contra macho opressor

A Beradeiragem evoca entidades  
E retorna a Zumbi  
Do Sertão à Palmares  
De dentro da floresta  
Comunidade sincrética

Um ritmo novo na boca do povo  
Né falácia  
É grito de guerra  
Do Béra que sabe  
As portas que abre

A Beradeiragem toca na alma  
Quando o portal ultrapassa  
Corpo-mente se integram  
Vem de dentro pra fora  
Pra calar gente cética

Um ritmo novo na boca do povo  
De respeito e audácia  
Junta da beira as palavras  
Pra entoar um grito de raça  
Sou Béra, comparsa!

## Índice Remissivo de Termos Beradeiros

### A

açaí.....	44, 65
aceiro.....	17
amazonês.....	67
anum.....	17
araçá.....	18
Ariquemes.....	86
arraia.....	17

### B

babaçu.....	17
Baixo Madeira.....	63
banana frita.....	66
barreiro.....	17
beradage.....	69
beradagem.....	88
<b>beradeira</b> .....	8, 9, 11, 12, 13, 14, 20, 23, 66, 87
beradeiro.....	9, 10, 11, 12, 13, 14, 66
Beradissee.....	59
bico de arara.....	17
biribá.....	17, 65
boi-bumbá.....	63
boto.....	76
buriti.....	18

### C

cacique.....	18
cafuné.....	18
cais.....	21, 23
caititu.....	17
caju.....	18
canoa.....	59, 70
canto da jurema.....	18
carimbó.....	63, 86
cascaavel.....	17
castanheira.....	18
Ceci.....	17

### Ch

chape-chape-chape.....	59
chocalho de cascaavel.....	18

### C

cipó.....	17
colibri.....	17

corredeira.....	18
cunhã.....	17, 66
cupuaçu.....	17, 44, 67
curumim.....	17, 26, 66

### E

encantados.....	40, 62
Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.....	11, 12

### F

farinha de tapioca.....	17
festança.....	17
Festival Beradeiros.....	11
fogueira.....	17

### G

garimpeiro.....	30
garimpo.....	30
girassol.....	17
goiaba.....	18
grafismo indígena.....	63

### I

ingá.....	17
invernada.....	18

### J

jaci.....	17
jiqitaia.....	18

### K

kizombas.....	19
---------------	----

### L

Lago do Uruapiara.....	63
lagoa do Abaeté.....	18
lambes.....	10

### M

macaco prego.....	17
maloca.....	18, 59, 86
mandacaru.....	18
manga verde com sal.....	67
mangaba.....	17
maniva.....	17
mujangué.....	18
mungango.....	17

mutum ..... 18

## **O**

oca ..... 18

onça do mato ..... 17

## **P**

pajé ..... 18, 88

papagaio ..... 17

patativa ..... 18

patuá ..... 17

peixe-boi ..... 18

penacho ..... 18

piaba ..... 18

pico-de-jaca ..... 17

pimenta malagueta ..... 17

pintado ..... 17

piranha ..... 18

pirão ..... 13, 18, 66

piriquito ..... 17

pitomba ..... 17

pixilinga ..... 18

porco-do-mato ..... 17

portovelhês ..... 67

potoca ..... 17

pupunha ..... 17, 44

## **Q**

quadrilhas ..... 24, 30

Quarup ..... 18

## **R**

restinga ..... 61

romaria ..... 20

## **S**

sabiá ..... 17

samambaia ..... 17

saúva ..... 18

seringal ..... 30, 88

seringueiro ..... 20, 30, 51

slam ..... 10

sucupira ..... 17

surubim ..... 17

## **T**

Tá cedo! ..... 65

tajá ..... 17

tambor ..... 18, 27, 89

tapera ..... 17

tapioca ..... 17, 21

tapuia ..... 17

Tu é doido é, doido? ..... 67

tucandeira ..... 18

tucumanzada ..... 66

tucuxi ..... 18

Tupã ..... 17, 57

tupinambá ..... 17

## **U**

uirapuru ..... 18

urucum ..... 17, 88

## **V**

Vale do Guaporé ..... 44

viado ..... 17

## **Z**

ziguizira ..... 18

zueira ..... 18